Dialogismo no protocolo do professor-artista

Tânia Cristina dos Santos Boy
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da ECA/USP
Doutoranda - Pedagogia do Teatro – Or. Prof.^a Ingrid D. Koudela
Professora do Departamento de Teatro Uniso

Este artigo é parte da minha pesquisa, em andamento, de doutorado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, aqui buscamos encontrar nos protocolos a presença do Dialogismo proposto por Bakhtin e compreender a sua colaboração na formação do professor-artista.

Durante o curso de licenciatura na Universidade de Sorocaba (Uniso) em Teatro/Arte-Educação na cidade de Sorocaba os alunos participam da montagem de um espetáculo. No ano de 2010, a professora e encenadora Ingrid Koudela montou com os alunos-atores o espetáculo “De nada, nada virá” de Bertold Brecht. Durante o período de criação do espetáculo os alunos-atores escreveram protocolos que são textos que registram os eventos ocorridos no encontro. Os protocolos, aqui são relacionados aos *hypomnêmatas* de Plutarco que foram estudadas por Foucault (1985), contêm a escrita individual que registram os processos estéticos desenvolvidos na criação do espetáculo teatral. Esses textos permitem os alunos-atores refletirem sobre o processo de criação e avançar na montagem do espetáculo a cada novo encontro. Neste artigo, foram escolhidos alguns fragmentos de protocolos que foram publicados no programa do espetáculo encenado no último mês de junho no teatro da Uniso.

O pensador russo Mikhail Bakhtin buscou compreender o processo de comunicação. Em seu país trabalhando com outros pensadores provenientes de diversas áreas do conhecimento humano, conhecido como o Círculo de Bakhtin, o filósofo da linguagem fundamentou a lingüística em seus estudos do início do século até meados dos anos de 1970.

Para o Círculo de Bakhtin o termo *dialogismo* surge no contexto vivido nos anos de 1928 e 1929, para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes inseridas em uma determinada esfera histórica e social. Este inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre “sistema de signos”, quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob esta ótica, *Dialogia* foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo, da produção e das trocas simbólicas, composto por signos, do mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os enunciados mais complexos, como a obra de um grande pensador como Marx, cujos valores e significados não eram dados e estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis. (RONCARI, 1994: X).

Para Bakhtin (2004) a noção de dialogismo deve ser entendida como uma espécie de *sistema filosófico*, suficientemente capaz de abranger, com um olhar compreensivo/responsivo, o *Ser do Homem* e as suas formas inusitadas e imprevisíveis do *fazer cultural*. Não haveria outro modo de Bakhtin explicitar esta interação infinita e permanente senão com a metáfora do *eterno diálogo* que permeia todo o *universo semiótico* que nos assiste e do qual somos parte constitutiva.

Na interação verbal a linguagem medeia as diversas situações, o que exige dois indivíduos (locutor e ouvinte) da mesma comunidade lingüística e de uma sociedade organizada. Eles precisam estar integrados na “unicidade da situação social imediata”, ter relações entre si; ou seja, “a unicidade do meio social e a do contexto social imediato” são as condições básicas para haver um “ato de linguagem” (BAKHTIN, 2004, p. 70-71). O produto dessa interação entre “dois indivíduos socialmente organizados” é a enunciação.

No grupo de alunos-atores da Uniso temos uma mesma comunidade lingüística com o mesmo meio social universitário. Todos os alunos-atores são locutores e ouvintes alternando suas posições nos muitos momentos de interação durante o processo de criação. Na escrita do protocolo cada um escreve sendo o locutor, buscamos neste artigo encontrar nessa escrita se há a “fala” de outros. Novamente na leitura dos protocolos no encontro seguinte o autor é o locutor e os outros alunos-atores são ouvintes, destacando que para Bakhtin esse ato de ouvir nunca é passivo.

Segundo Bakhtin (2004) todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma modificação na língua. Nestes termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

A aluna-atriz Edna Souza Cruz destacou em seu protocolo:

[...] o processo de montagem da peça desvendou algo que sempre esteve perante nossos olhos, mas que não conseguíamos ver, o lugar teatral que passou a ser vivido a cada dia de montagem, foi explorado, descoberto, transformado. Não negamos nenhum dos signos que ele contém, e que agora será revelado ao espectador.

Foi na relação com os outros alunos que a aluna compreendeu os signos ali presentes. A aluna compreende agora o valor deles, mas sabe que eles ganharão novos significados diante dos espectadores.

À semelhança da noção de ideologia, a própria metáfora do permanente *diálogo*, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria *noção de diálogo*. Conforme Faraco (2003), os

membros do Círculo de Bakhtin não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face. As relações entre réplicas de tais diálogos são um tipo mais simples e mais extremamente visíveis de relações dialógicas. As relações dialógicas, no entanto, não coincidem, de modo algum, é claro, com relações entre réplicas do diálogo concreto – elas são muito mais amplas, mais variadas e mais complexas (BAKHTIN *apud* FARACO, 2003: 59).

Na interação verbal a concepção de linguagem implica o que Bakhtin (2004) denomina de caráter dialógico: qualquer expressão, qualquer individualidade criativa é determinada socialmente, bem como orientados para o outro. A palavra, como produto da interação entre dois indivíduos, comporta “duas faces”: procede de alguém e se dirige a alguém (sempre busca a reação do outro). Assim, para a teoria bakhtiniana, não existe discurso neutro e nem “fala individual”, ela é sempre composta de discursos já-ditos e dirigida a alguém.

Nos protocolos escritos pelos alunos-atores, os textos sempre são dirigidos aos outros. Cada aluno escreve suas lembranças, percepções e reflexões dos fatos ocorridos num determinado encontro do grupo durante a criação do espetáculo teatral, mas esses protocolos visam a leitura em grupo no encontro seguinte. Portanto, é na interação verbal dos alunos-atores uns com os outros durante os jogos, as experimentações de cenas que a palavra de alguém se dirige a outro alguém. Posteriormente esse registro aparece no protocolo que novamente traz a palavra de alguém dirigida a outro alguém.

O aluno-ator Will Roca destaca em seu protocolo:

[...] andamos por todos os lados reconhecendo cada local existente, fora e dentro do auditório, cada objeto, iluminação e vãos existentes foram devidamente estudados, para não interferir em nosso trabalho [...].

O aluno-ator Will Roca é o enunciador, mas ele coloca o seu texto na primeira pessoa do plural, pois a sua fala é coletiva, ali estão inclusos os seus colegas de turma.

O aluno-ator Matheus Martins escreveu em seu protocolo:

[...] Segundo Thies Lehmann a escolha de um local para a encenação em manifestações de teatro pós-dramático pode ter origem em diferentes buscas e intenções. [...] Ou seja utilizar o espetáculo para falar do local desejado dentro do próprio local.

Percebemos aqui que o aluno-ator Matheus Martins leu a obra de Lehmann e não teve uma atitude passiva, mas sim ativa. Ele relacionou a teoria estudada ao processo vivido pelo grupo e escreve em seu protocolo essa reflexão que foi lida para os outros alunos-atores da sala. Então, de destinatário o aluno Matheus passou para falante (ativo) e

seus colegas de turma a destinatário (interlocutor), mas como afirma Bakhtin também não é passivo, mas sim ativo.

A aluna-atriz Fabiana Souza protocolou:

[...] demos início a aula fazendo os 5 ritos do yoga, usando toda a nossa percepção do corpo [...] o que nossa respiração traz de abertura, espaços para a poética passar... a partir daí introduzir a dança popular indiana[...]

A aluna teve contato com a linguagem da dança e dos gestos corporais, registra no seu protocolo a compreensão da colaboração dessas outras linguagens trazidas para o processo de criação do espetáculo. A aluna num processo dialógico mostra compreender outra consciência e seu universo.

Conclusão

Numa pesquisa ainda inconclusa, este artigo buscava compreender a presença da Dialogia de Bakhtin nos protocolos escritos durante a criação do espetáculo teatral “De nada, nada virá” de Berthold Brecht encenado pela pesquisadora Ingrid Koudela.

Koudela (1992) destaca que no trabalho de Bertold Becht há uma proposta teórica de ensino-aprendizagem de uma pedagogia dialética, combinando elementos indutivos e dedutivos na aprendizagem e colocando um método de exame de ação sobre a realidade social. Portanto, a pedagogia brechetiana é educação política, pois adere a um projeto histórico-filosófico e a uma teoria social.

Encontramos nos fragmentos dos protocolos presentes nos programas do espetáculo amostras da relação dialógica no uso da linguagem dessas escritas. Nenhum aluno-ator foi passivo no processo de criação, pois todos os envolvidos ora eram falantes, ora eram interlocutores. Mas como pudemos verificar mesmo aquele que ouve tem uma atitude ativa. Então, o processo dialógico vivido pôde proporcionar aos alunos-atores experiências positivas na comunicação.

Assim, num processo de colaboração na criação do espetáculo como o adotado pela encenadora Ingrid Koudela, os alunos-atores que fazem um curso de licenciatura tem uma experiência de comunicação enriquecedora que poderá moldar a sua futura atuação como professor-artista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. In: Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a. p.327-358.

_____. Apontamentos 1970-1971. In: Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b. p. 369-414.

_____. [VOLOSHINOV, V. N]. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. O discurso em Dostoiévski. In: Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.181-275.

_____. O discurso no romance. In: Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p.72-163.

_____. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BRECHT, Berthold. Teatro Completo 04. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FOUCAULT, Michael. A História da Sexualidade vol. 3 – o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

KOUDELA, Ingrid D. Um vôo Brechtiano. São Paulo: Perspectiva, 1992.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RONCARI, Luiz. *Prefácio*. In: PESSOA DE BARROS, Diana Luz e FIORIN, José Luiz. (orgs) Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin. Revista Ensaios de Cultura. São Paulo: EDUSP, 1994, nº. 07.